

Bancos americanos tentam livrar-se da dívida

NOVA YORK (Do Correspondente)

— Os grandes bancos americanos, com exceção do Citicorp, estão planejando uma retirada estratégica. A exemplo do que já fizeram as casas menores e a maioria das de porte médio, empresas como o Chase Manhattan, Manufacturers Hanover, Chemical e BankAmerica se prepararam para reduzir ao máximo a sua “exposição” na América Latina. De um lado, esses bancos começam a se livrar de uma parte da dívida, vendendo títulos no mercado secundário. De outro, vão reduzir ainda mais o volume de empréstimos à região.

Essa informação começou a circu-

lar nos meios financeiros de Nova York, ontem, coincidentemente, depois que o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, se reuniu com Presidentes de vários bancos credores do Brasil. Segundo os próprios banqueiros, a decisão foi deflagrada pelo lançamento do Plano Brady — que prevê a redução da dívida.

— É meio ilógico você perdoar uma parcela da dívida e, ao mesmo tempo, emprestar mais dinheiro a um país, sabendo que mais tarde terá de perdoar novamente. Dirigimos um negócio e temos de dar satisfação aos nossos acionistas: não somos instituições beneficentes — disse um dos grandes credores do Brasil.

A decisão do Chase, de elevar as reservas para cerca de 46% dos créditos dados ao Terceiro Mundo, para se proteger contra atrasos nos pagamentos, é forte evidência dessa nova era no relacionamento entre as duas partes. Ao anunciar que o banco agora tem uma reserva de US\$ 2,9 bilhões, o Presidente do Chase, William Butcher, revelou que pretende reduzir daqui por diante em US\$ 1 bilhão por ano a carteira de créditos aos países em desenvolvimento.

Ontem o Morgan Guaranty Trust anunciou que também vai aumentar suas reservas, em US\$ 2 bilhões, e previu um prejuízo no balancete do terceiro trimestre de US\$ 1,8 bilhão.